

FLOREIOS E BORRÕES OU COMO SER LEITOR E AUTOR NUMA COMUNIDADE VIRTUAL DE LEITORES DE HARRY POTTER: POSSIBILIDADES E ARMADILHAS

Eliana da Silva Felipe
Universidade Estadual de campinas
E-mail: elifelipe@sigmanet.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce de uma inquietação e de uma descoberta possíveis pelo fato de ser mãe de uma filha adolescente (a quem atribuo o mérito de ter me socializado nesta comunidade virtual), estudante de escola pública, vivendo dilemas que o mundo contemporâneo traz para este lugar. A inquietação está relacionada ao fato de estar acompanhando a formação de uma geração que já nasceu no mundo digital, usuária dos mais sofisticados meios e técnicas de comunicação, mas que os tempos e espaços escolares não conseguem alcançar. O uso do computador para a leitura de densos textos de literatura recriada por adolescentes e jovens foi a descoberta que me inspirou a aprofundar tanto o conhecimento como a compreensão de outros lugares de produção e disseminação do escrito.

O objeto deste trabalho é uma comunidade virtual de leitores de Harry Potter. Inúmeras razões marcaram para mim a importância deste objeto: a emergência de práticas que infundem relações com o universo da escrita que se colocam na contramão do discurso educativo que vislumbra na mídia, em particular na Internet um agente desfavorável à formação intelectual dos adolescentes e jovens; a integração entre leitura e escrita com formas de materialidade lingüística distintas; o número de membros desta comunidade e o seu alcance geográfico, com 41484 usuários cadastrados entre leitores e autores; a forma de participação neste espaço, que se diferencia de outros espaços virtuais na medida em que os próprios membros da comunidade são os autores das obras que formam a livraria; e o modo de funcionamento desta comunidade no que refere à regulação social da autoria e dos usos da linguagem.

A metodologia utilizada para a realização da pesquisa foi o estudo comparativo de casos. As fontes foram o cadastro dos membros, as *fan fics* (ficções escritas por fãs de Harry Potter) e os comentários postados de 15 membros da comunidade, selecionados por escolha aleatória.

As informações coletadas foram interpretadas com base em Bakhtin, Chartier e Pierre Lévy. As idéias de estabilidade da linguagem, de continuidade de gêneros em outros suportes e de tecnologias reconstituídas, orientam a interpretação do objeto em estudo.

NAVEGANDO PELO SITE

Floreios e Borrões é um *site* (endereço na Web: www.floreioseborroes.net) que reúne leitores de Harry Potter. Além de ser uma comunidade de leitores, o *site* é também uma comunidade de autores que constroem novas histórias com os

personagens de Harry Potter. Floreios e Borrões é uma livraria *on-line* e busca manter semelhança com a livraria na qual os alunos, nas histórias de Harry Potter, adquirem os livros solicitados por Hogwarts, a escola onde acontece parte das tramas dessas histórias. Há duas formas pelas quais se pode participar desta comunidade, como leitor somente, ou como autor e leitor.

Para ter acesso aos serviços do *site* é preciso inicialmente realizar um cadastro. Neste cadastro o usuário cria uma identificação: forma de participação (leitor ou autor), nome, e-mail, senha endereço, casa de Hogwarts (Grifinória, Lufa-Lufa, Corvinal e Sonserina) etc.

Na página inicial do *site* aparece uma imagem que simula uma prateleira ou estante de livros. Neste ambiente estão disponíveis as seguintes opções: arquivo de *fan fiction* (ficções escritas por fãs), autor, título, shipper, mais lidas, mais votadas, ordenar por título.



Nesta página aparece também o detalhamento das formas de participação do usuário no ambiente. Como leitor ele poderá ler *fan fics*, classificar as melhores e emitir comentários sobre as produções. Como autor ele poderá editar cadastro de autor, cadastrar suas *fan fics* e ler comentários dos leitores. Além desses aspectos, na página inicial pode ser encontrada uma lista de usuários vips, aqueles com *fics* mais lidas ou mais votadas. Há também *links* de acesso a lojas, como a do Submarino, uma das maiores na Internet.

O *site* conta com 44.317 (quarenta e quatro mil trezentos e dezessete) usuários cadastrados, 11.554 (onze mil quinhentos e cinquenta e quatro) *fics*, sendo 4.205 (quatro mil duzentos e cinco) concluídas e 7.349 (sete mil trezentos e quarenta e nove) em andamento, para as quais 280.228 (duzentos e oitenta mil duzentos e vinte e oito) comentários foram postados. Esses números estão permanentemente sendo alterados, o que demonstra o crescimento da comunidade.

Após realizar o seu *login* no *site*, o usuário é encaminhado para uma página quase com os mesmos elementos da página inicial. A única modificação é um *link* para opções, através do qual o usuário pode cadastrar as suas *fics* preferidas, receber mensagens ou cancelar o cadastro.

AUTORORES DE FICÇÃO: MARCAS DE UMA INVENÇÃO

As *fics* são histórias ficcionais de fãs baseadas nas histórias de Harry Potter. Elas retomam personagens, lugares, objetos, situações e relações e os reinscrevem em novas tramas e enredos. Em shipper, uma área reservada aos autores eles deverão indicar os pares de personagens que estarão no centro da história. As *fics* podem ser postadas na livraria Floreios e Borrões concluídas ou em andamento. Para garantir que histórias possam ser postadas ainda inconclusas elas devem ser apresentadas em forma de capítulos. Na página inicial do *site* há uma indicação cada vez que uma *fic* é atualizada.

Na página principal de cada *fic* há uma espécie de ficha catalográfica da história, o resumo, a lista de capítulos, um formulário para comentar e um outro para denunciar ao moderador do *site* se na avaliação do leitor a *fic* apresenta conteúdo preconceituoso, impróprio para a censura recomendada ou contém plágios. Cada autor ao postar uma história precisa apresentar o gênero e a censura, os quais aparecem na ficha catalográfica. Dentre as 10 *fics* mais lidas todas eram romances e com censura livre.

O autor, neste espaço, não é um sujeito que fica à espera da generosidade dos leitores para com as suas histórias; ele também alude aqueles que o lêem e participa como leitor das histórias que os seus leitores escrevem.

“Oiiii! Desculpa não tr comentado mais na tua fic. Eeeh que estou mto ocupada, aee jah viu. Mas nem eh por isso que deixo de passar nas fic's de minhas leitoras xD. Prometo trminar de lr, e deixar um comentário decente, ok? Aaaah, não esquece de passar nas minhas fic's e comentar tb ok?? BjoKiTitas.. xD”.

Todas as obras trazem as marcas lingüísticas da narrativa predominante nas histórias de Harry Potter. Essas narrativas constituem uma espécie de referência para as novas ficções. Coerência, coesão, adequação vocabular ao lado do uso adequado de recursos de pontuação como travessões e reticências, recursos na maioria das vezes utilizados de forma adequada, demonstra a competência dos autores para lidar com formas de linguagem de maior trânsito social.

“Mais um ano se encaminhava na escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, e os três melhores amigos, Harry, Ronny e Hermione, mais Gina, os bruxinhos que amamos muito, estavam entre confusões, desafios, amores, desamores e muitos sentimentos e emoções que o percorriam todo o ano. Hermione caminhava junto a Harry e Ronny, indo à direção da Sala de Poções.
– Quase eu perco o horário hoje, acho que se não fosse o Harry, iria ficar de detenção do Snape. –Disse Ronny.
– Agradeça ao Harry por ser tão generoso com você Ronny. – Disse Hermione cheia de livros nas mãos”.

Chama a atenção o fato de um mesmo membro da comunidade utilizar escritas distintas no interior de um mesmo suporte, e num espaço aparentemente livre como a Internet.

DE LEITOR A COMENTADOR: QUE LEITOR É ESTE?

Os leitores têm papéis importantes na livraria Floreios e Borrões. São eles que qualificam as ficções, comentando e/ou atribuindo conceitos. Assim, definem as obras que ocuparão a área vip da comunidade, isto é, aquelas que alcançaram maior reconhecimento de seus leitores. O aparecimento das *fic*s mais lidas na página inicial do *site* denota um tipo particular de protocolo que sutilmente conduz o leitor para as “melhores leituras”.

Não é possível mensurar os que lêem e os que “passam” pelas *fic*s já que na medida em que o usuário clica sobre uma delas, automaticamente elas assumem a posição de “lidas” e o número de leitores é atualizado. Em um dos comentários postados uma das leitoras afirma ter passado por uma *fic* sem tê-la lido, mas que fez a leitura em visita posterior. O texto digital, por não ser linear permite uma leitura descontínua, segmentada, fragmentada. Pela existência de muitos *links* o leitor está mais sujeito à dispersão, de forma que não há garantia que tendo acessado uma história, ele a tenha lido, quer parcial quer integralmente. Somente pelos comentários é possível avaliar o nível de reconhecimento de uma história ficcional.

Do rastreamento dos comentários postados é possível ir identificando alguns traços dos leitores de Floreios e Borrões. Esses leitores são marcados por um intenso exercício de intersubjetividade, necessário para a inserção do sujeito na cultura escrita. A linguagem é uma prática social, de modo que ela não se realiza sem a interferência e sem o reconhecimento cultural do meio em que se ingressa como autor ou leitor.

O leitor de Floreios e Borrões incentiva e interpela os autores sobre a continuidade das suas histórias. Este leitor traz para os autores o reconhecimento da sua obra, ao mesmo tempo em que o convida a continuar escrevendo o que deve ter um efeito mobilizador sobre o ato de escrever, principalmente para os iniciantes, ainda em busca de reconhecimento pela comunidade da qual faz parte.

“Oi... amei a sua fic, ela perfeita!!!! Só não demora p/ atualizar, eu quero ver o q vai acontecer c/ a Hermione e c/ o Draco!!! Bjos”.

Além do leitor que incentiva há também aquele que sendo autor, solicita que a sua obra seja lida, tornando mais imediata a relação entre o autor e o leitor, ambos ocupando o mesmo espaço de interação.

“... Olá..sua fic estar linda, gostei mutio passa láh na minha..o link estar aeew acima, não repara não tah?? é a minha primeira fic..Bjaunn..comenta e dá a nota q vc axar tah?? Bjokzzzzzzzzzz”.

O leitor de *fan fics* também está preocupado com a escrita e deseja encontrar na Internet textos bem elaborados. Um leitor atento ao foco, à coerência entre título e texto, ficção e tramas originais, entre outros aspectos constitui também este leitor que vai se experimentando na crítica de aspectos constitutivos dos textos que são dados a ler.

"Simplesmente adorei, só precisa revisar melhor a escrita ok?!?! em termos de historia: super!"

"se essa é a sua 1ª fic, meeeeeeeu Deus, está realmente muuuuuuuuito boa, salvei no meu pc e tudo! xD queria saber escrever assim! :) PARABÉNS!"

"eu to gostando da sua fic... melhor q muitas outras q eu leio por ai!!! Mas ai vai uma dica: Axei q vc ta meio q fugindo do foco... se naum aparecer, e rapido, a historia do draco e da mione a historia vai ficar cansativa.... bjos posta logo os ourto cap q to morndo de curiosidade!!!!!"

Ele também recomenda para outros leitores as ficções que já leu e contribui para a ampliação da comunidade. Um outro traço que é recorrente nos comentários é o desafio que o leitor lança ao autor para continuar as suas histórias a partir de outras tramas.

"Oi Pati!!! Adorei sua fic!!! É linda, emocionante... ótima!! Já faz um tempo que li, mas gostei muito. Indiquei pra todas as minhas amigas que gostam de HP. Elas leram e também amaram. :) Parabéns pela fic. Li também aquela "Depois do pôr-do-sol. Também é bonita! Bjs Vivi".

"Que fic linda!!!!!! Sabe tu pode fazer uma continuação com o niver do Harry na Toca e o duelo dele com Voldemort e(é óbvio) ele voltando para a Gina!!!! ameeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeei!!!! Verdade!!! bjbjbjbjbjbjbjbjbjbjbjbjbjbjb Se puder passa na minha:***A história de amor numa noite chuvosa*** soh poste 1 capitulo ateh agora!(23/10) bye".

O texto literário é capaz de tocar os seus leitores se o seu suporte é um livro impresso ou uma tela de computador. O ambiente virtual acolhe essas emoções e revela um leitor que chora inebriado pela força da palavra.

"hum... axu k jah comentei aki... + vo comenta d novo... bem... faz tempao k num leio fics aki... ai... comecei a ler sem mi tokar k jah tinha lido... i di novo xorei lendo sua fic... i olha k eh mto dificil eu xorar... hehe... mto linda msmo... amei..."

FLOREIOS E BORRÕES; QUESTÕES PARA A LEITURA

A disseminação em grande escala da Internet na última década encontrou uma escola pouco preparada para enfrentar problemas novos, de certo modo

problemas antigos. Neste movimento, uma série de mitos foi sendo criada em relação à presença de computadores na vida de crianças e adolescentes, em particular, à Internet.

Entre esses mitos destaca-se a tão proclamada ameaça à língua pela presença dos corretores gramaticais e ortográficos dos editores de texto, a proliferação de uma segunda língua marcada pela redução das palavras, a incidência de plágios pela Internet, a individualização das relações etc. As gerações das que nasceram nas duas últimas décadas encontraram uma escola refratária, particularmente a escola pública, às possibilidades de uso do computador, apesar dos investimentos em programas de formação nesta área.

Ao longo desses últimos anos, na contramão do movimento da escola e do debate instaurado nos livros e nas revistas especializadas, diferentes ambientes passaram a se constituir em espaços de socialização e aprendizagem para crianças e adolescentes, ao lado ou em concorrência com a escola. Portais educacionais, blogs, fóruns, listas de discussão, bibliotecas virtuais etc. representam um campo de possibilidades culturais e sócio-educativas que ainda estão por ser explicitadas e dimensionadas pelos agentes educacionais.

Floreios e Borrões é um *site* especializado que se destina aos fãs de Harry Potter. Ele constitui uma comunidade de autores e leitores que indiscutivelmente cumpre um papel educativo importante, à margem das instituições que ajudaram a erguer o que chamamos de sociedade. Dessa prática social, da posse de uma gramática educativa criativa podemos apontar para inúmeras armadilhas, mas também para inúmeras possibilidades.

A primeira armadilha é deixar de reconhecer a natureza particular desse tipo de prática social. Apesar de ser social, ela não se configura numa experiência ampla da sociedade por razões que já são amplamente conhecidas. Segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil 57%²⁵ de entrevistados numa amostra nacional de 3000 pessoas não têm computador em casa. Entre aqueles que possuem computador em casa, 19,6%, 41,77% não possuem Internet, estando o seu uso vinculado à escola, ao trabalho ou a locais de acesso pagos. A existência de computadores nas residências bem como o acesso à Internet é proporcional à renda é à classe social, de forma que o acesso à Internet em domicílio está assim distribuído: classe A (81,49), B (51,22), C (12,10).

Por outro lado, as atividades desenvolvidas na Internet com a finalidade de lazer, especificamente aquelas que envolvem a leitura de revistas e jornais representam 33,34. Essa atividade é maior nas classes A (47,42) e B (36,82) e com renda superior a mil reais.

As condições de produção que um ambiente como o Floreios e Borrões requer tempo disponível para escrever histórias densas, um computador conectado à Internet para a realização da leitura em tela, entre outros aspectos. De certo estamos diante de um leitor que não representa a regra da infância e da adolescência brasileira.

É preciso também reconhecer o apelo mercadológico da indústria cultural que cerca a criação e a manutenção de um *site* na Internet. A globalização de mão única

da cultura traz o risco do apagamento das memórias e da singularidade dos lugares, assim como o distanciamento das riquezas simbólicas e dos problemas que os constituem. Dito isso, não é que adolescentes e jovens não devam ler Harry Potter, mas tão somente que eles não possam ler Machado de Assis, Ariano Suassuna, entre outros.

Se a constituição de comunidades de iguais, em que seus membros partilham de gostos e interesses comuns é um apelo sedutor do mundo virtual, a exacerbação da comunicação entre pares, a particularização das identidades e o distanciamento do diferente numa espécie de culto à contracultura, é um risco. Ao risco do isolamento cultural é preciso fortalecer e aprimorar espaços de convivência que favoreçam a diversidade de textos, de discursos, de sentidos. O mundo virtual conseguiu encontrar e produzir seus leitores. Ele incluiu leitores anônimos e lhes proporcionou a condição de participar de uma esfera pública policêntrica, na qual comunicar sentimentos e percepções é um exercício intersubjetivo permanente. Certamente, o ambiente virtual não encerra as possibilidades de experiência cultural de adolescentes e jovens, de forma que a escola cumpre um papel importante na diversificação dessa experiência. Para tanto, é preciso que ela encontre as muitas comunidades invisíveis que a ocupam e lhes permitam condição de existência. Ler, contar, apreciar e partilhar, escrever para outros leitores e não somente para o professor, escrever para ser ouvido, interpelado esteticamente e intelectualmente e não somente corrigido precisa se constituir em experiência escolar.

Existem armadilhas e é preciso reconhecê-las. Por outro lado é preciso também reconhecer oportunidades, possibilidades de invenção e de reinvenção de práticas sociais e educativas que estão emergindo. A leitura na Internet é um movimento crescente e incorpora cada vez mais novos segmentos. Assim como o vídeo cassete que foi embora sem que tivéssemos explorado as suas potencialidades, acompanhar esses movimentos marginais pode ser uma forma de dotar a escola de instrumentos teóricos e práticos que lhes permitam enfrentar as transformações do mundo como desafios a sua própria existência. Entre esses desafios está a sua própria relação com a linguagem.

A incursão na comunidade de leitores da livreria virtual Floreios e Borrões permitiu produzir um outro discurso diferentemente daquele que aponta para baixas competências no uso da linguagem escrita. A meu ver, esta comunidade de leitores compreende as múltiplas situações de comunicação das quais participa, e transita de forma refinada por entre elas. São leitores que reconhecem que na Internet, escrever um texto literário é diferente de escrever um comentário para algo que foi lido, portanto, que ser autor é diferente de ser comentador. Há protocolos marcados, entre eles, que aos autores cabe a tarefa de preservar a norma culta, razão pela qual palavras e sentenças inconclusas, prolongamentos gráficos, modos não convencionais de nasalização entre outras não são utilizadas nas ficções desses autores juvenis. No mesmo suporte, há formas distintas de lidar com a linguagem, o que permite afirmar que estamos diante de uma geração com uma imensa plasticidade e heterogeneidade lingüística.

Considerando esses aspectos, parece pouco provável que leitores capazes de transitar por diferentes situações de comunicação possam pretender fazer uso na escola de construções que são próprias do ambiente virtual e requeridas em certos contextos. As distinções estão estabelecidas na medida em que formas que tecem um texto quando ele é a via para realizar uma conversa não são validadas em outras situações de comunicação. Por isso, o desafio que está colocado para a escola não é incorporar ou não a escrita recodificada, amplamente utilizada nos espaços virtuais, fundamentalmente porque há gêneros textuais que culturalmente não admitem o seu uso, dentro e fora dela.

Está em curso uma nova relação com a escrita. Segundo Chartier, no mundo digital, “(...) todos os textos, sejam eles quais forem, são entregues à leitura num mesmo suporte (...). É assim criada uma continuidade que não mais distingue os diferentes gêneros ou repertórios textuais que se tornaram semelhantes em sua aparência e equivalentes em suas autoridades” (2002, p. 109). A cultura impressa associa um suporte de transmissão e categorias de textos a certos usos e formas de leitura. A ausência deste referencial cultural afetou os novos leitores?

O campo da comunicação escrita está mais alargado, porque a continuidade e a permanência do suporte para classes de textos distintas passam a exigir maior acuidade do leitor. O leitor virtual competente em diferentes gêneros é capaz de escolher os recursos lingüísticos de acordo com a situação comunicativa num tempo em que o suporte e o lugar da comunicação não constituem mais elementos de distinção. O lugar não tem centro nem autoridade; diferentes textos são transmitidos através do mesmo suporte. Nesse sentido, o mais importante agora não é o objeto que carrega o escrito, mas a interação e a finalidade do que é dado a ler. Situações mais ou menos formais, o alcance público ou privado da comunicação parece definir o gênero textual que o leitor deve utilizar. Dessa forma uma polêmica escolar que estabeleceu dois pólos distintos para o ensino da língua: de um lado a gramática normativa e de outro, os gêneros textuais, parece passível, por esta via, de ser superada. Através das textualidades digitais, estamos diante de competências comunicativas ampliadas.

O falar-escrito, que também ocorre em situação assíncrona (*off-line*), admite o uso de abreviações, alongamentos gráficos, combinações de sinais, usos de maiúscula etc. O comentário de uma obra, que pela sua composição, se aproxima desse gênero discursivo, admite transgressões e dispensa, portanto, a gramática culta. Um texto literário, não. O texto literário como criação estética, mesmo em um outro suporte, mantém-se segundo a ordem dos livros impressos. Na escola e fora dela há um idioma comum presente na formação das novas gerações de leitores e autores: o texto bem escrito. Para os objetivos deste trabalho não está em questão polêmicas (teóricas e ideológicas) já estabelecidas em torno do conceito de norma culta. O que quero enfatizar é o ambiente digital incorpora repertórios culturais já cristalizados, daí porque o texto literário eletrônico em muitos aspectos mantém e preserva formas já consagradas pelo impresso. Não há escrita adequada ou inadequada. É a intenção comunicativa que marca a escolha de certas formas e não

de outras. E essas escolhas não se realizam fora da compreensão da linguagem como produção social.

A idéia de Bakhtin (2003, p, 282) que “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo” ajuda a entender a complexidade do mundo digital. Conforme ele próprio assinala, “quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso” (Idem, p.285). Isso significa que quanto maior for o conhecimento das condições de produção de determinados gêneros, qualquer que seja o suporte, mais ampliadas são as possibilidades de trânsito e de invenção. Por sua vez, não há como ter domínio de um gênero sem o seu exercício efetivo, de forma que a ausência de livros e de outros suportes do escrito, como o computador, coloca-nos diante de impasses a este exercício de liberdade do discurso a que se refere Bakhtin.

CONCLUSÃO

O sentimento da perda ainda marca a relação da escola com o mundo digital. O desaparecimento da leitura e da língua culta são perigos, reais ou imaginários, que cercam a escola. Muito mais que ameaça, talvez as tecnologias de informação e comunicação tragam para a escola outros desafios.

Segundo Pierre Lévy “os pólos da oralidade primária, da escrita e da informática não são eras: não correspondem de forma simples a épocas determinadas. A cada instante e a cada lugar os três pólos estão sempre presentes, mas com intensidade variável” (1993, p. 126). E continua: “uma infinidade de circuitos informais, pessoais, pertencendo à oralidade arcaica, continuará a irrigar as profundezas da coletividade. Ainda que processada por novos métodos, uma grande parte da herança cultural permanecerá” (Idem, p. 131). Cultura oral, cultura escrita e cultura digital estão rearticuladas. Oralidade reconstituída, escrita ampliada. Complementaridade, co-existência e não concorrência.

Portanto, o livro não desaparecerá com a profusão do computador e da Internet. A grande questão para a escola é a sua capacidade de arregimentar novos leitores ante as práticas que o afastaram e contra as quais concorrem lugares em que o leitor é mais ativo e pode, portanto, ao inserir-se na cultura coletiva de autores e leitores, ampliar as práticas e os usos da linguagem.

Está em curso uma grande transformação do suporte do escrito (agora a tela do computador), a produzir por sua vez tanto a transformação da técnica de produção dos textos como a das práticas de leitura. Entre essas práticas, destaca-se a presença de livros inacabados, leitores co-autores, leitores se iniciando na “crítica literária”. Nessa perspectiva, a crítica que imputa ao texto eletrônico a fuga de leitores e o declínio da linguagem culta precisa ser modulada pelo próprio movimento da cultura e da história. O texto eletrônico comporta pluralidade de usos como todas

as outras técnicas sociais, de modo que não há uma ordem de razão capaz de abarcá-lo fora da complexidade das práticas humanas. São nessas práticas diversas que está se produzindo níveis progressivos de inserção na cultura digital que incluem o leitor, o comentador e o autor, e que podem estar reunidos em um único indivíduo de uma comunidade. Assim, a relação mais imediata entre a obra e sua leitura deixa de ser uma “promessa”, como imaginava Chartier (2002, p. 113). Se esta prática será vencedora sobre as outras, só o fazer histórico poderá nos dar a resposta.

Em Floreios e Borrões está em formação um novo leitor. Um leitor capaz de lidar com as aquisições da cultura de forma competente, porque capaz de reconhecer que a linguagem se realiza numa dada ambiência humana, numa multiplicidade de circunstâncias e contextos regidos por regras e formas de participação específicas. Nesse sentido, me parece um falso problema o debate sobre a inclusão ou não de formas lingüísticas associadas a ambientes virtuais no interior da escola. A questão fundamental não é a forma, mas a interação comunicativa e a função que cumprem certos recursos lingüísticos nos contextos em que eles ganham significação. Uma conversa escrita pode comportar, mesmo no espaço da escola, prolongamentos gráficos, ícones etc. A pergunta que precisamos fazer, a meu ver, é qual o papel da conversa escrita num lugar social de interação face a face em que a oralidade primária é permanentemente requerida.

Os adolescentes e jovens talvez estejam inventando práticas de leitura/escrita capazes de responder ou sinalizar alternativas para os dilemas dos professores, e da escola, no seu conjunto. Fazer bem o que cabe à escola fazer já é muita coisa, principalmente para aqueles que só podem ascender a certos saberes através da ação da escola. Se não houver Internet nem computador, a escola pode ser competente na inserção de adolescentes e jovens em muitos outros gêneros. Por outro lado, as novas gerações não dependerão da escola para transitar pelo gênero digital.

A quebra das armadilhas é ao mesmo tempo social e pedagógica. Ela implica em livros, computadores para todos e muitos lugares culturais de educação do leitor, para que não precisemos exigir da escola tarefas maiores do que ela. Do ponto de vista pedagógico, práticas educativas exteriores à escola podem fazê-la aprimorar o seu fazer na proporção da sua abertura para aprender com aquilo que é marginal, desautorizado, impedido.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CENTRO ESTUDO SOBRE AS TICS. *Tic domicílios e usuários 2006*. Disponível em www.cetic.br. Acesso mar. 2007.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.